

Os intelectuais escritores e a representação da resistência à ditadura civil-militar nos romances brasileiros produzidos entre os anos de 1960-1970

Jhonatan Gonçalves¹

Recebido em junho de 2024

Aceito em junho de 2024

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre os intelectuais e suas produções literárias românticas escritas entre 1960 e 1970, no contexto da ditadura civil-militar brasileira. Nesse sentido, busca-se estabelecer uma análise dos principais escritores de romances que retrataram criticamente os acontecimentos históricos do período da ditadura militar, tais como Antônio Callado, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Carlos Heitor Cony e Renato Tapajós. Esses intelectuais produziram romances cujos temas orbitavam em torno da tortura, censura, assassinatos e resistência armada promovida por grupos, organizações e coletivos de esquerda. A partir daí, o interesse reside em examinar o problema da resistência às atrocidades da ditadura militar, a partir das narrativas fictícias desses romances, escritos por intelectuais brasileiros que estavam produzindo suas obras mais relevantes durante aquele período. Trata-se, portanto, de uma análise comparativa das obras e de suas condições de produção, como *Pessach* (1967) de Carlos Heitor Cony, *Zero* (1974) de Ignácio de Loyola Brandão, *A Festa* (1976) de Ivan Ângelo, *Em Câmera Lenta* (1977) de Renato Tapajós, *Bar Don Juan* (1971) e *Reflexos do Baile* (1977) de Antônio Callado. Para tal análise, são imprescindíveis as contribuições metodológicas da sociologia dos intelectuais e da sociologia da literatura, à luz das teorias de Lukács e Goldmann. A discussão baseada no estudo comparativo dos romances produzidos no período é fundamental para o esclarecimento da história dos acontecimentos ditoriais, uma vez que a forma literária, através de sua representação da experiência ditatorial, serve como documento que amplia o conhecimento sobre os fatos históricos ocorridos. Este trabalho procura contribuir com uma reflexão sobre os intelectuais escritores e suas produções românticas no contexto da ditadura civil-militar no Brasil. A partir daí, busca-se analisar alguns dos grandes expoentes da produção romântica que retrataram as experiências ditoriais e produziram resistência no campo linguístico aos acontecimentos do período, tais como Antônio Callado, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Carlos Heitor Cony e Renato Tapajós. Esses intelectuais abordaram temas centrais como tortura, censura, assassinatos e resistência armada, oferecendo uma visão crítica e aprofundada das condições políticas e sociais daquele tempo.

Palavras-chave: Intelectuais Romancistas; Representação da Resistência; Ditadura Civil-Militar; Sociologia da Literatura.

The Intellectual Writers and the Representation of Resistance to the Civil-Military Dictatorship in Brazilian Novels Produced Between the 1960s-1970s

ABSTRACT

¹ Doutorando em sociologia com ênfase em sociologia da cultura no PPG/UFPR. E-mail: jhowgrow@hotmail.com

This paper aims to present a reflection on intellectuals and their literary novelistic productions written between 1960 and 1970, in the context of the Brazilian civil-military dictatorship. In this sense, it seeks to establish an analysis of the main novelists who critically portrayed the historical events of the military dictatorship period, such as Antônio Callado, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Carlos Heitor Cony, and Renato Tapajós. These intellectuals produced novels whose themes revolved around torture, censorship, assassinations, and armed resistance promoted by leftist groups, organizations, and collectives. The interest lies in examining the problem of resistance to the atrocities of the military dictatorship, based on the fictional narratives of these novels, written by Brazilian intellectuals who were producing their most relevant works during that period. Therefore, this is a comparative analysis of the works and their conditions of production, such as *Pessach* (1967) by Carlos Heitor Cony, *Zero* (1974) by Ignácio de Loyola Brandão, *A Festa* (1976) by Ivan Ângelo, *Em Câmera Lenta* (1977) by Renato Tapajós, *Bar Don Juan* (1971) and *Reflexos do Baile* (1977) by Antônio Callado. For such an analysis, the methodological contributions of the sociology of intellectuals and the sociology of literature are indispensable, in light of the theories of Lukács and Goldmann. The discussion based on the comparative study of the novels produced during the period is fundamental for clarifying the history of dictatorial events, since the literary form, through its representation of the dictatorial experience, serves as a document that broadens the knowledge about the historical facts that occurred. This work seeks to contribute to a reflection on the intellectual writers and their novelistic productions in the context of the civil-military dictatorship in Brazil. From there, it seeks to analyze some of the great exponents of novelistic production who portrayed dictatorial experiences and produced resistance in the linguistic field to the events of the period, such as Antônio Callado, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Carlos Heitor Cony, and Renato Tapajós. These intellectuals addressed central themes such as torture, censorship, assassinations, and armed resistance, offering a critical and in-depth view of the political and social conditions of that time.

Keywords: Intellectual Novelists; Representation of Resistance; Civil-Military Dictatorship; Sociology of Literature.

Introdução

Os estudos voltados para a análise de obras literárias no contexto da ditadura militar de 1964, especialmente os romances, como *Quarup* (1960) e *Reflexos do Baile* (1977) de Antônio Callado; *Zero* (1974) de Ignácio de Loyola Brandão; *A festa* (1976) de Ivan Ângelo, entre muitos outros, foram amplamente desenvolvidos pelos campos da historiografia, teoria literária e literatura comparada. Exemplos disso são os trabalhos *Literatura e política: a experiência brasileira* (1985), de Fábio Lucas; *Protesto e o novo romance brasileiro*, de Malcom Silverman; *Os romances brasileiros nos anos 70: fragmentação social e estética*, de Janet Gaspar Machado; *Literatura e vida literária* (1985), de Flora Süsskind; *Anos 70: Literatura* (1979), de Heloisa Buarque de Hollanda; *O espaço da dor no regime de 64 no romance brasileiro* (1996), de Regina Dalcastagnè; *Itinerário Político no Romance pós-64* (1997), de Renato Franco, e *Literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017), de Eurídice Figueiredo. Os estudos da literatura

como resistência e documento de testemunho do contexto histórico de 1964, embora explorados pela teoria literária, foram amplamente abordados pela historiografia, como visto em *Da urgência à aprendizagem: sentido da história e romance brasileiro nos anos 60* (1997), de Henrique Manuel Ávila, e *A história em seus restos: literatura e exílio no cone sul* (2004), de Paloma Vidal.

Nesse cenário, a sociologia brasileira, especificamente a sociologia da cultura produzida no Brasil, concentrou-se em outras dimensões da cultura brasileira de 1964, com algumas exceções notáveis, como os trabalhos de Marcelo Ridenti, Antonio Cândido e Roberto Schwarz. Estes estudiosos focaram nos fenômenos sociais relacionados aos novos meios de comunicação e produção artística, como o rádio, televisão, cinema e música. Apesar de a sociologia da cultura ter estudado intensamente as produções romanescas ao longo do século XX, estas foram significativamente negligenciadas pela academia em favor das novas de comunicação da indústria cultural brasileira. Houve uma ampliação dos estudos sociológicos voltados para as condições sociais de produções artísticas, sua distribuição e circulação, mas os estudos que utilizavam o conteúdo e a forma das obras literárias para entender as estruturas sociais de um determinado contexto foram, em grande parte, deixados de lado.

Defende-se aqui que os estudos sociológicos da literatura ainda podem contribuir amplamente para a compreensão da relação entre produção literária, cultura e política no Brasil a partir de 1964. O estudo sociológico dos romances continua sendo relevante, pois estes podem ser interpretados como documentos de recordação das injustiças passadas. Sua potência narrativa remete à força da rememoração como elemento de resistência, auxiliando no combate contra a repetição da barbárie. Como escreve Mate (2011, p.33), “A recordação permite salvar o passado ao dar sentido à injustiça passada, ainda que ninguém garanta que algum dia lhe seja feita justiça”.

A memória ou o efeito da rememoração no gênero dos romances demanda o entendimento dos acontecimentos do passado e a reivindicação de justiça para aqueles que sofreram os horrores da ditadura militar de 1964. Segundo Dalcastagné (1996, p.65), “A necessidade de narrar a desgraça ao longo dos anos, mesmo depois de ela já se ter tornado incompreensível, parece estar diretamente ligada à exigência de uma resposta que ainda não veio”. A arte, nesse sentido, serve como um espaço privilegiado para a

rememoração dos complexos sociais do passado histórico, trazendo à tona experiências latentes na realidade concreta.

Para Walter Benjamin (2012), não há justiça nem redenção para o sujeito histórico do presente se as vítimas do passado, suas esperanças e lutas, não forem devidamente rememoradas. Contudo, isso não implica numa tentativa de retorno ao passado ou de sua reconstituição, mas sim, nas palavras de Benjamin (2012, p.244), em “despertar no passado as centelhas da esperança”. Essas centelhas podem, certamente, auxiliar tanto na compreensão de um período que passou quanto no exercício de trazer justiça aos que tombaram no contexto ditatorial.

Os escritores, o jornalismo e o problema da revolução brasileira nos romances dos anos 60

Para Dalcastagnè (1996), desde o início da formação da literatura no Brasil, os romancistas estavam preocupados com a construção de uma identidade nacional e com a elaboração de interpretações da realidade brasileira, legado da articulação entre literatura e jornalismo. Segundo Ridenti (2005), os romances produzidos no período anterior aos anos mais violentos da repressão ditatorial, especialmente durante as décadas de 1950 e 1960, buscavam representar uma brasiliade revolucionária romântica. Essa brasiliade procurava no passado elementos emancipatórios para a construção da revolução brasileira e da identidade do povo brasileiro. Como escreve Ridenti (2005, p.84):

Naquele contexto brasileiro, a valorização do povo não significava criar utopias anticapitalistas passadistas, mas progressistas; implicava o paradoxo de buscar no passado (as raízes populares nacionais) as bases para construir o futuro de uma revolução nacional modernizante que, ao final do processo, poderia romper as fronteiras do capitalismo.

Nesse sentido, as produções literárias ainda refletiam o otimismo – possibilitado pelo breve período democrático de 1946 e 1964 – exemplificado pelo governo de Goulart e a situação geral da esquerda brasileira. A intelectualidade se entusiasmava com a possível revolução em curso. Os romancistas ligados a movimentos sociais, partidos e à

luta armada elaboravam suas narrativas a partir dessa perspectiva. Um exemplo claro que é o romance *Quarup* de Antonio Callado, que, embora publicado após o golpe de 1964, ainda transparecia uma representação romântica dos povos originários e um apelo para a realização da revolução brasileira.

Em sua obra *Itinerário Político do Romance Pós-64: A festa* (1998), Renato Franco analisa os romances produzidos nas duas décadas mais emblemáticas da ditadura, focando nas obras dos anos 70. Franco objetiva mostrar como o romance da época reagiu à ditadura militar e à modernização conservadora, elaborando perguntas cruciais: A) como aparece no romance a proposta de engajamento revolucionário? B) qual o destino de tal proposta nos anos 1970? C) como ela reagiu à censura e aos imperativos da repressão? D) qual a importância e o papel da memória nesse trajeto? E) quais procedimentos literários foram utilizados? F) como a literatura enfrentou a crescente hegemonia da televisão na vida cultural?

A partir dessas questões, Franco, similarmente aos trabalhos de Ridenti, aponta para as transições da produção cultural dos anos 60 para os anos 70, considerando os eventos de 1968. Se nos anos 60 havia uma efervescência revolucionária e um projeto de emancipação nacional, nos anos 70, após a instauração do Ato Institucional 5, os romances passaram a retratar a intensificação da repressão e da censura, além de produzirem uma resistência peculiar à experiência ditatorial. Franco chama a atenção para as transformações do campo cultural brasileiro nos anos 60, indicando uma tendência crescente de produções artísticas voltadas para a urgência da revolução brasileira. Ele destaca também o desenvolvimento de um modernismo à esquerda, onde uma tendência estética modernista foi assimilada pelos escritores de esquerda, desdobrando-se como um complexo da modernidade que criticava a própria modernidade. Neste período, os intelectuais partilhavam do sentimento de uma criação artística comprometida com a causa da revolução. Franco (1998) observa que: "A reação vivida pelo romance implicou, segundo autores mencionados, um verdadeiro crescimento editorial da literatura – algo surpreendente, dada a explosão avassaladora das redes de televisão. Este boom da prosa de ficção talvez possa ser considerado um sintoma da década" (p.22).

Ainda, é importante notar que, até os anos 70, a forma dos romances tinha uma clara conexão com o jornalismo, já que muitos romancistas estavam vinculados ao meio jornalístico. Isso resultou na formação de ficções que refletiam a articulação entre a forma do jornalismo e a do romance. Franco sugere que essa crise do romance, diante da ascensão dos novos meios de comunicação e da disseminação constante de informação, é um sintoma da modernidade:

(...) o modo impessoal, jornalístico, do estilo do relato contido no diário que estrutura o livro é, ele próprio, um sintoma da experiência literária daquele momento histórico. Ele revela o nascimento de uma sociedade da não-comunicação, ou antes, de um modo de existência social em que o jornal e a televisão – vale dizer, a Indústria Cultural – passavam a conhecer grande prestígio, a desfrutar de uma posição e de um alcance social privilegiado (FRANCO, 1998, p.33).

Deste modo, é necessário investigar minuciosamente a influência do estilo jornalístico sobre a forma romanesca dos anos 60 e 70, além de considerar a influência da indústria cultural na produção literária. Tal investigação é crucial porque pode ajudar a explicar as crises e transformações da literatura contemporânea. As influências levaram literatos a buscar novas formas de representar a realidade, resultando em consequências positivas e negativas. Os romances passaram a tratar das experiências sociais modernas, como o surgimento da Indústria Cultural, as crises das experiências pessoais, os conflitos políticos e a resistência organizada contra a ditadura, bem como a decadência das subjetividades, memórias e perspectivas de futuro durante o regime militar. Muitos autores recorreram à narrativa fragmentada, como os romances de Ignácio de Loyola Brandão, refletindo as influências da modernidade e do jornalismo (FRANCO, 1998).

Os romances *Bebel que a cidade comeu*² e *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, são exemplos de obras que utilizam a narrativa fragmentada, indicando influências e sensibilidade na representação dos novos meios de comunicação² e da modernidade

² Zero se caracteriza muito bem como romance que articula ficção com o uso do jornalismo e da televisão. Como recurso estético, Loyola recorre à fragmentos publicitários no movimento de sua narrativa, lembrando a técnica da montagem investigada por Walter Benjamin em suas obras dos anos 30. Os fragmentos de notícias e de publicidade interrompem o curso linear da narrativa e chamam a atenção para as novas formas de produção literária dos anos 70. De modo geral, os romances de Ignácio são exemplares no que concerne ao processo de transformação dos romances para a representação crítica do presente. Franco aponta para a influência dos novos meios de comunicação como o rádio, a televisão,

autoritária. Franco usa o termo "linguagem de prontidão" para descrever os romances publicados no período: "(...) os romances brasileiros pós-64 tenderam, em alguns casos, a desenvolver, pressionados tanto pela conjuntura política quanto pelas peculiaridades de nosso processo de modernização, o que poderíamos denominar de uma espécie de 'linguagem de prontidão' (...)" (1998, p.41).

O termo "linguagem de prontidão" foi inicialmente pensado por Walter Benjamin em seu fragmento *Posto de Gasolina*³ de 1928. Benjamin já sugeria que a verdadeira atividade literária deveria alternar entre agir e escrever, adotando formas modestas como folhas volantes, brochuras e artigos de jornal. Essa abordagem refletia a urgência de captar e representar a realidade com agilidade, algo que se mostrou relevante para a prosa de ficção durante os anos de chumbo no Brasil. Assim, a prática jornalística renovava os romances, oferecendo a informação como recurso narrativo. A sociedade moderna dos anos 60 e 70 era caracterizada pela instantaneidade das informações dos novos meios de comunicação, moldando a nova estética romanesca pós-64. Os escritores, como Ignácio de Loyola Brandão e Ivan Angelo, buscavam captar as novas experiências do contexto ditatorial marcado pela Indústria Cultural. Elementos do cinema, televisão e jornais influenciaram a literatura de prosa de ficção, e técnicas como a montagem cinematográfica passaram a ser fundamentais.

Já após 1964, um papel crucial das obras literárias era o engajamento político e cultural. Os romances denunciavam o golpe militar e expressavam uma potencialidade revolucionária e combativa, refletindo uma *estrutura de sentimentos e visão de mundo* compartilhada por grupos de escritores comprometidos com a emancipação dos explorados e a construção de uma brasilidade revolucionária. Essa discussão é

os cartazes publicitários e o cinema. Um movimento que implica na crise do romance, mas que também demonstra uma retomada de fôlego do gênero literário.

³ "A construção da vida, no momento, está muito mais no poder de fatos que de convicções. E aliás de fatos tais, como quase nunca e em parte nenhuma se tornaram fundamento de convicções. Nessas circunstâncias, a verdadeira atividade literária não pode ter a pretensão de desenrolar-se dentro de molduras literárias – isto, pelo contrário, é a expressão usual de sua infertilidade. A atuação literária significativa só pode instituir-se em rigorosa alternância de agir e escrever; tem de cultivar as formas modestas, que correspondem melhor à sua influência em comunidades ativas que o pretensioso gesto universal do livro, em folhas volantes, brochuras, artigos de jornal e cartazes. Só essa linguagem de prontidão mostra-se atuante à altura do momento. As opiniões, para o aparelho gigante da vida social, são o que é o óleo para as máquinas; ninguém se posta diante de uma turbina e a irriga com óleo de máquina. Borrifa-se um pouco em rebites e juntas ocultos, que é preciso conhecer" (Benjamin, 1987).

fundamentada por Ridenti. Os romances mais significativos nesse contexto de engajamento político-cultural incluem *Quarup* de Callado, publicado em 1967, que narra a trajetória do Padre Nando, um herói problemático que se afasta da vida religiosa para se envolver na luta política. A narrativa de Callado indica o caráter de urgência e a brutalidade da tortura, refletindo os temas discutidos pelos movimentos populares da época. Callado se aproximou de movimentos de guerrilha, trazendo à tona a valorização de uma "cultura popular revolucionária". Outro exemplo é *Pessach: a travessia* de Cony, também publicado em 1967, que narra a conscientização política do personagem-narrador Paulo Simões. A obra critica escritores desconectados da vida política e social, distinguindo-se do otimismo revolucionário de Callado. *Bebel que a cidade comeu*, de Ignácio de Loyola Brandão, retrata a brutalidade do regime de 64 e a rebeldia da juventude, utilizando a narrativa fragmentada e explorando o experimentalismo. O romance sinaliza a crise do romance frente à modernização e repressão, denunciando os fatos concretos do final dos anos 60. É possível identificar homologias fundamentais nos romances produzidos até 1967 e 1968. Callado buscava captar a luta dos movimentos populares, enquanto Cony e Ignácio travavam lutas literárias contra o regime autoritário. As pesquisas mostram uma relação entre as reivindicações culturais e políticas e a produção literária do período ditatorial. Intelectuais resistiam à ditadura através das narrativas ficcionais, utilizando o gênero dos romances para apontar possibilidades de superação no campo da linguagem.

A virada de chave, 1968

A partir de 1968, houve uma mudança significativa na situação da cultura, dos produtores de arte, da forma e do conteúdo do romance brasileiro, bem como do mercado editorial que possibilitava sua publicação, distribuição e circulação. Segundo Schwarz (1978), após 1968, iniciou-se um enorme esforço dos militares na intensificação da repressão e na construção de uma ideologia para fazer oposição ao campo da cultura e às organizações sociais que resistiam a um regime cada vez mais violento. Como consequência, os militares decretaram o Ato Institucional V (AI-5), que contribuiu para aumentar o grau da política repressiva contra os opositores no plano da cultura. Um dos

principais objetivos dos militares golpistas era erradicar a relação entre a cultura e a política, estabelecida no pós-64, a fim de conquistar a hegemonia também nesse setor (FRANCO, 2015, p. 208).

A partir daí, observou-se um fenômeno estratégico de separação da política do campo da cultura, além de um investimento na reestruturação da indústria cultural brasileira. Isso implicou um esforço para apagar a cultura considerada subversiva e perigosa, substituindo-a por uma cultura importada, sobretudo dos Estados Unidos, que usavam sua produção cultural de massas para estabelecer negociações com países dependentes, por meio do plano Marshall. Antonio Cândido, em seu ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* (1989), já havia apontado para o processo de alienação da produção literária brasileira na esteira da dependência nacional frente ao imperialismo.

Diante desses elementos, é possível perceber uma grande mudança na trajetória dos romances brasileiros. Nos anos 1970, ao contrário dos anos 1960, que eram marcados por um certo otimismo com a revolução brasileira, os romances passaram a mostrar um pessimismo, refletindo a falência da ação política pautada pela luta armada e o medo oriundo das torturas e prisões de opositores. Além disso, o período gerou um distanciamento entre os intelectuais e a classe trabalhadora, devido à forte repressão. Os romances dos anos 1970 representaram a violência, a censura e os fracassos das guerrilhas, com os intelectuais fazendo oposição ao regime através da lembrança e da rememoração das atrocidades que o regime militar procurou apagar.

Na década de 1970, obras como *Bar Don Juan* (1971) de Antonio Callado, *Zero* (1974) de Ignácio de Loyola Brandão, *A Festa* (1976) de Ivan Ângelo e *Em Câmera Lenta* (1977) de Renato Tapajós, mostraram uma prosa que se preocupava em narrar os acontecimentos passados, abrindo espaço para os romances memorialísticos. Esses romances não focavam mais nos tempos de esperança por uma revolução, mas procuravam contar a história e a trajetória dos vencidos nos anos de chumbo. A estética dos romances produzidos nos anos 70 demonstra a agudização da influência do jornalismo, do experimentalismo marcado pela fragmentação e da formação do que Antonio Cândido chamou de "sentimento de oposição". Trata-se, em síntese, de uma produção de romances preocupada em estabelecer a resistência através do exercício da rememoração das experiências ditoriais, de um engajamento político-cultural

centralizado num "escovar da história a contrapelo", como antecipou Walter Benjamin nas "Teses sobre o Conceito de História", ou seja, da sensibilidade de resgatar as trajetórias dos silenciados, torturados e assassinados pela ditadura instaurada em 1964.

Antonio Callado, em sua obra *Bar Don Juan* (1971), enfrentou certa dificuldade para publicar seu romance, em parte devido à censura e em parte pela expectativa criada em torno do novo romance como sequência de *Quarup*. Além disso, Callado começou a escrever em jornais, publicando reportagens minuciosas que o tornaram conhecido; só posteriormente pôde dedicar-se ao ofício de romancista, mas experimentando, na atividade literária, fortes influências do jornalismo. Franco (1998), aponta para a relação entre o ofício do jornalismo e o romance, indicando ainda que a obra tratava do desenvolvimento trágico da luta armada não só no Brasil, mas em toda a América Latina, devido à influência da ação política protagonizada por Che Guevara.

Na recepção do romance *Bar Don Juan* por Ivan Ângelo e Fernando Gabeira, ambos os escritores, em uma conferência na Europa em 1974, demonstraram desaprovação da obra pela forma como abordou a luta armada e os movimentos de guerrilha no país. Tanto que um ano depois, os dois escritores publicaram obras abordando o mesmo tema (FRANCO). Para Ângelo e Gabeira, Callado teria abordado de forma superficial o problema da luta armada. Sobre o romance em si:

(...) a narração é fragmentaria e não-linear, a composição geral da obra está distante das formas mais consagradas da reportagem. Narra a origem e o fracasso da guerrilha, mas começa por contar as perturbações existenciais e eróticas de um dos personagens, então atormentado pelas experiências dolorosas da prisão e da tortura, das quais escapou obcecado pelo desejo de vingança, porque queria matar um deus torturadores, que havia, em sua presença, estuprado a companheira. Para tanto, perambulava, disfarçado, pelos arredores do local onde esteve preso ou frequentava botecos sórdidos, na esperança de reconhecer o barbáro torturador. Um dia o encontra, segue-o até a casa e passa a acompanhar, minunciosamente, sua rotina, preparando-se para matá-lo. (FRANCO, 1998, p.87)

Em grande medida, a obra de Callado foi apenas uma das muitas que procuraram narrar os fracassos das experiências de guerrilha durante a ditadura militar. Sendo do tipo "romance reportagem" – um desenvolvimento aprimorado da articulação entre o romance e a literatura dos anos 1960 –, a obra se situa como um romance engajado cujo objetivo era narrar as memórias dos momentos mais trágicos da ditadura,

além de tentar convencer o leitor da inviabilidade da luta armada. De todo modo, nos anos 1970, a literatura brasileira testemunhou o surgimento de várias obras que abordavam o tema da derrota das lutas armadas e da repressão contra os opositores, como "Curral dos Crucificados" e "Cidade Calabouço" de Rui Mourão, "Um Dia no Rio" de Oswaldo França Júnior, "Incidente em Antares" de Érico Veríssimo, "As Meninas" de Lygia Fagundes Telles e "Sargento Getúlio" de João Ubaldo Ribeiro.

Essa "literatura da derrota" se desdobra enquanto literatura de resistência, recorrendo ao uso alegórico das ruínas e da decadência manifestas na tortura, nos assassinatos e na repressão, para trazer à tona as memórias dos derrotados. No final da década de 1970, surgiu uma geração de romances voltados para as memórias e depoimentos de militantes políticos pertencentes às organizações revolucionárias que travaram sua luta heroica contra o regime autoritário: *Em Câmera Lenta* (1977) de Renato Tapajós, *O Que É Isso, Companheiro?* (1979) de Fernando Gabeira e *Os Carbonários* de Alfredo Sirkis (1981). Dessa geração, emerge o romance documental setentista, cuja estética radical, marcada pela ruptura e pela experimentação, constitui a marca maior da resistência cultural no período.

Em conclusão, os romances da década de 1970 constituem uma prolífica e complexa resposta literária às condições políticas e sociais dos anos de chumbo, recorrendo ao uso de técnicas oriundas do jornalismo e da arte vanguardista para resistir à repressão, à censura e, sobretudo, para manter intacta a memória histórica daqueles que resistiram.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p.140-162

CURY, Maria Zilda Ferreira. Memória e resistência: figurações da ditadura na literatura brasileira contemporânea. In: **Literatura e Ditadura**. Porto Alegre, Zouk, 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O Espaço da Dor: o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

FRANCO, Renato. Narrar o socialmente esquecido: *o romance de resistência na época do terror estatal no Brasil 1964-1985*. In: **Constelaciones: Revista de Teoria Crítica**. n. 1, 2015.

GOLDMAN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LÖWY, Michael. **Lucien Goldmann, ou A dialética da totalidade**. São Paulo: Boitempo, 2008.

LÖWY, Michael. **Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**/ Michael Löwy, Robert Sayre. Trad. Nair Fonseca. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

MATE, Reyes. **Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin Sobre o conceito de história**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. In: **Tempo Social, revista de sociologia da USP**. São Paulo, v.17, n.1.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta; C. THOMAZ, Paulo. Ditadura: um passado para se fazer narrar no presente. In: **Literatura e Ditadura**. Porto Alegre, Zouk, 2020.

PERLATTO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.30, nº62, p.721-740, setembro-dezembro, 2017.

SARTRE, Paul. **O que é a literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política: 1964-1969. In: **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.